

A crise do jeitinho brasileiro: da razão tupiniquim à elite do atraso

Rudimar Barea*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo traçar um itinerário crítico sobre o “jeitinho brasileiro de ser” com apoio das obras *Crítica da Razão Tupiniquim* de Roberto Gomes e *A elite do atraso: da escravidão à lava jato* de Jessé Souza. Nosso estudo partiu da problematização sobre os processos de crise que a sociedade enfrenta, em especial, a crise do pensamento e do “jeitinho brasileiro”. Tomaremos como ponto de partida para apresentação deste trabalho a obra de Roberto Gomes: *Crítica da Razão Tupiniquim* elaborando uma análise sintática sobre seu conteúdo e realizando interfaces de suas ponderações no que diz respeito ao jeitinho brasileiro de ser. No segundo momento faremos uma análise crítica da obra *A elite do atraso: da escravidão à lava jato* do sociólogo Jessé Souza e, com esta, evidenciar os desafios a serem superados elencados pelo pensador. Como terceiro aspecto pretende-se evidenciar os elos existentes entre as obras analisadas e refletir sobre a conjuntura atual da crise no Brasil, em especial, salientar a crise do pensamento e a possível superação dessa crise para além do jeitinho brasileiro.

Palavras-chave: Conjuntura. Crítica. Diálogo. Desafios. Razão Tupiniquim.

* Mestre em Filosofia pela UFSM. Ex-aluno do IFIBE.

1. Introdução

Quando pretende-se questionar o pensamento brasileiro, a filosofia no Brasil, o mais justo a se fazer é dialogar com pensadores brasileiros, por isto, adotamos dois autores brasileiros para intercruzar e refletir com, Roberto Gomes e Jessé Souza. A escolha por dois autores brasileiros não exclui a possibilidade de referenciar este trabalho com os pensadores críticos que a humanidade produziu e ainda continua a produzir. Portanto, além de Roberto Gomes e Jessé Souza, o trabalho evidenciará nuances de diversos filósofos que epistemologicamente se fazem importante para nosso trabalho, em especial com a contribuição de Enrique Dussel e Paulo Freire.

Roberto Gomes (1944) é um escritor brasileiro que se dedica aos romances, contos, crônicas, livros infantis e de filosofia. Sua primeira, e uma das principais obras, *Crítica da razão tupiniquim* (1977), já está em sua décima quarta edição. A obra de Roberto Gomes denuncia o modo como a razão ocidental (eurocêntrica e norte americana, ou ainda uma razão estrangeira), perpetuou-se no pensamento brasileiro. Além de evidenciar as características essenciais de como esta razão se infiltra e toma conta da nossa cultura, Jessé Souza também exerce o papel de anunciar as possibilidades de uma filosofia brasileira. Darcy Ribeiro em sua obra *Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu diz*: “finalmente o Brasil volta a filosofar, com Roberto Gomes em *Crítica da Razão Tupiniquim*” (1985, p. 283).

Jessé Souza exerce sua vida acadêmica de forma dinâmica iniciando no direito, passando para o mestrado e doutorado em sociologia, além de seu pós-doutorado em psicanálise e filosofia. A obra em análise *A elite do atraso: da escravidão à lava jato* foi publicada em setembro de 2017 (40 anos depois da *Crítica da Razão Tupiniquim*). Na referida obra Jessé Souza elabora uma resposta crítica à um clássico da literatura brasileira, a saber: *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque. O objetivo de Souza é desnudar um pacto entre a elite brasileira (segundo o autor, donas do poder) para perpetuar uma sociedade cruel forjada na escravidão.

O percurso das duas obras mostra o comodismo e o conformismo em que nós brasileiros ou latino-americanos nos colocamos e ao mesmo tempo também apontam para uma importante superação deste comodismo. Com efeito, apresentaremos as análises sucintas das obras em respectivos parágrafos e subsequentemente apresentaremos alguns desafios que se colocam ao nosso pensar contemporâneo.

2. Razão Tupiniquim como crítica ao jeitinho brasileiro

“É voz corrente que damos um jeito em tudo,
do existencial ao político, do físico ao metafísico”
(GOMES, 1979, p. 39).

Tomaremos como ponto de partida a obra de Roberto Gomes: *Crítica da Razão Tupiniquim*. A denúncia do escritor é uma forma de pedir para as pessoas abandonarem o seu conformismo. Segundo ele (1979), a famosa expressão: “deixa como está para ver como é que fica” ou ainda: “dá-se um jeito” indicam reciprocamente conformismo e uma esperança mágica. Nem o conformismo, nem uma esperança mágica podem resolver os problemas da humanidade ou as crises que ela enfrenta. A nossa realidade não muda com o conformismo das pessoas ou uma esperança mágica.

Por um lado, as expressões de conformismo, assim como “deixa como está para ver no que vai dar” (“eu já fiz a minha parte”; “fiz tudo o que podia”; “agora é com eles”) que está presente em nosso vocabulário retrata a nossa incapacidade de lidar com os problemas do nosso dia a dia. Zygmunt Bauman em seu livro *Para que serve a sociologia* descreve a incapacidade criadora em que se colocam as pessoas quando pensam em “deixar como está para ver no que vai dar”. Segundo o sociólogo: “As pessoas seguem a correnteza, obedecendo as suas rotinas diárias e antecipadamente resignadas diante da impossibilidade de mudá-la, e acima de tudo convencidas da irrelevância e ineficácia de suas ações ou de sua recusa em agir” (2003, p. 45). Bauman vai mais além em *Por uma sociologia crítica*:

A regra da sociedade é sustentada pelo conformismo maciço dos indivíduos [...]. O que leva a sociedade a subsistir é [...] a multidão de seres humanos, que se conservam meramente obedientes nos lugares a que lhes foi dito pertencerem, pondo ansiosamente a máscara que lhes é oferecida pela sociedade, e de vez em quando emitindo ruídos apropriados que indicam que eles gostam da máscara e que não a trocariam por nada deste mundo (BAUMAN, 1977, p. 49).

Permanecer no conformismo, com efeito, significa negar a natureza humana, que nos permite buscar e almejar novos horizontes, crescer e prosperar diante da realidade que se apresenta. Ou seja, a crítica de Roberto Gomes inspira a cada vez mais buscar alternativas ao que se apresenta no nosso dia a dia e não cair no conformismo de pensar: “deixa como está para ver no que vai dar”. É preciso pensar, refletir sobre os efeitos que nossas ações surtirão em nosso dia a dia e como consequência no conjunto de relações que possamos ter.

Se, por um lado, o conformismo não nos levará a lugar algum, por outro, quando nos agarramos a uma “esperança mágica” (dá-se um jeito), também não conseguimos encontrar evolução. A “utopia” sem processos de mudança, tampouco, resolverá os problemas (crises) que enfrentamos. Roberto Gomes não faz a crítica aos pensamentos utópicos (Santo Agostinho, Tomas Morus...), mas sim, busca mostrar que devemos trilhar caminhos em direção ao “jeito de ser brasileiro” que valorize seu modo de ser e que permita a originalidade criativa e superar os nossos preconceitos sobre o que é nosso.

Não é apenas o samba e o futebol que o Brasil tem de bom. Roberto Gomes provoca a reflexão dos leitores, do quanto valorizamos o estrangeiro em desapeço às nossas coisas (e este seria um dos motivos para o nosso não crescimento cultural, econômico, político...). Isso é evidente no nosso dia a dia. Diz o escritor: “Aguardamos uma solução *estrangeira* sem nos darmos conta de que, sendo *estrangeira*, será precisamente isto: *estranha*. E o pensamento, antes da pretensão de ser atemporal, deve ter a pretensão primária de não ser jamais *estranho*, o saber de um outro” (1979, p. 22). Pela valorização do que é brasileiro antes do que é estranho a nós é que Roberto Gomes propõe:

[...] uma Filosofia brasileira precisaria ser o desnudamento desta Razão que viemos a ser. Seja por excesso de pudor, por medo, o fato é que até hoje não nos despimos. Talvez temendo nada encontrar por debaixo de nossos trajes europeus, nosso infatigável terno e gravata. Ou talvez fosse para nós excessivamente doloroso descobrir-se em, enfrentando a radical solidão da nudez. Tiraríamos as roupas para descobrir, absurdamente, que estamos nus. Sem máscaras de aplausos ou punições, sem nossa imagem de homens sérios, cheios de certezas. O que, afinal, fazer de uma nudez que não aceitamos como nossa? (1979, p. 25).

Por que usamos terno e gravata em eventos formais? Um país tropical com costumes europeus? Nossa aversão à pompa acaba convertendo-se em seu oposto: o triunfo da cultura formalística. Um país que se diz do futebol, da praia, do tropicalismo, sempre que busca mostrar o êxito se apropria de um “outro modo de ser”, de uma cultura que não é própria, de uma forma de ser importada e incorporada como sendo melhor do que temos para oferecer? É necessário ir além, refletir sobre nossos problemas, buscar soluções para nossas crises, não se conformando com a conjuntura que se apresenta, nem aguardando que as coisas aconteçam como magia.

Nem conformismo, nem esperança mágica. É preciso negar a formalidade, assumir uma postura crítica para sair de nossas crises, pois, “o Brasil aconteceu ser o paraíso de algumas outras coisas além do futebol e do jogo do bicho. Entre elas, o ecletismo e o jeito” (GOMES, 1979, p. 31). Não se dá jeito para tudo, assim como não somos tão ecléticos como anunciamos. Por isso, muitas vezes precisamos assumir uma postura mais crítica diante de nossa realidade. Diz Roberto Gomes:

Lembremos que assumir uma posição não é fechar-se ao real, mas condição de realidade. Assumir uma posição não significa embotamento. É ao contrário, condição de existência, o momento em que passamos a conviver com a dúvida. O contrário é a despersonalização na qual nos encontramos, atados a nosso dogma peculiar: a ingênua imparcialidade (1979, p. 37).

Assumir posição, tomar “partido” (não somente um partido político), a imparcialidade somente deve ser adotada pela justiça que julga as ações boas ou más de acordo com os critérios da lei. O cidadão (neste caso os juízes, advogados, qualquer...) pode questionar a lei. Ou seja, nossa imparcialidade perante a sociedade reforça o “deixa como está para ver o que vai dar”. Muitas pessoas são vítimas de violência no Brasil, essencialmente a população negra, a comunidade LGBTI e as mulheres; muitas pessoas passam fome; muitas pessoas não têm acesso à moradia; muitas pessoas não têm acesso à água; muitas pessoas não têm acesso à educação, saúde, saneamento... A lista das necessidades básicas não atendidas é grande. No entanto, a nossa imparcialidade diante destas situações não ajudará a resolver. É necessário enfrentar a realidade refletindo (cotidiana e continuamente) um projeto de nação, por mais que isso não agrade a todos/as, por mais que nossa radicalidade seja apontada como anormal.

Um homem que se exalta perde a capacidade de ‘dar um jeito’. Um país que entra em um processo revolucionário, não soube descobrir o ‘jeito’ de evitar coisa tão desagradável [...]. Nunca nos sentimos mais estúpidos do que no momento em que alguém aponta nossa radicalização, nosso empenho num projeto (1979, p. 39).

Não se perde a capacidade de dar um jeito, mas, “se dá um jeito” com projetos, com planejamento, enfrentando os problemas, não sendo indiferente às situações vivenciadas pela crise econômica, social, humanitária que vivemos. E, se esta crise é nossa, podemos refletir sobre ela com os parâmetros de outros países que vivenciaram os mesmos problemas, porém, Roberto Gomes alerta que “estamos sempre partindo de teorias alheias, palavras alheias, problemas alheios, buscando aprisionar nossa expressão dentro desses moldes” (1979, p. 63). A partir daí o desafio, o convite que nos aterroriza e que nos põe nos limites de nossas certezas, como diz Roberto Gomes:

Pensar por conta própria. Me contaram ou li (ou inventei) que segundo os chineses ‘pensar dói’. Dói. É um risco assumir. Exige colocar tudo em jogo. É conduzir-se aos limites a despeito da insegurança. É nesse momento que o chão nos falta – e preferimos a burra paz dos que não sabem. De fato, pensar dói. Mas é a única coisa que nos resta (1979, p. 85).

Um pensamento brasileiro para resolver os problemas brasileiros. Uma filosofia que leve em consideração o nosso “jeito de ser” e o problematize para que possamos pensar em “outros modos de ser”. Esta atitude nos permitirá ir além do conformismo e também de sermos meros espectadores diante da realidade, aguardando esperançosamente que a crise se resolva, que a situação melhore. A atitude que se espera, no entanto, é uma atitude criadora, uma atitude que nos tire da cadeira e que nos coloque em movimento.

A condição prévia a qualquer filosofia brasileira que não queira se ver reduzida, como tem acontecido até hoje, à mera assimilação ornamental e dependente [...] é fazer desabar as instalações *sérias* nas quais vivemos. Negar postizas importâncias e urgências providenciadas estranhamente e que não nos expressam, encobrendo condições que poderiam liberar em nós um pensamento de fato criador. Jamais esquecer-se nalgum sistema cômodo de pensar,

em qualquer arquivo de primeiros socorros existenciais. Correr o risco de não saber coisa alguma, longe de qualquer certeza prévia. Pois o pensamento não é gerado pela certeza, mas pela dúvida. Urge ser o que somos – descobrir-se no Brasil, na América Latina. Sem um “outro” ao qual possamos nos agarrar. Só a solidão gera pensamento – Só na tragédia nasce a filosofia (1979, p. 100).

O princípio da dúvida como princípio gerador. Será que se dará um jeito? O que posso fazer para melhorar? Se eu fizer isto, o que acontece? Com as instigações de Roberto Gomes, acredito que possamos ao menos refletir sobre o nosso comodismo e também sobre nossas expectativas ornamentadas por um pensamento estrangeiro. Rubem Alves em sua pequena e importante obra *Estórias de quem gosta de ensinar* adota a importância do pensamento criador a partir de nossas situações vivenciadas. Diz Rubem Alves:

Há um tipo de inteligência criadora. Ela inventa o novo e introduz no mundo algo que não existia. Quem inventa não pode ter medo de errar, pois vai se meter em terras desconhecidas, ainda não mapeadas. Há um rompimento com velhas rotinas, o abandono de maneiras de fazer e de pensar que a tradição cristaliza (1986, p. 96).

Sejamos criativos, sem medo de errar, duvidando e criando sempre, pois, esperar para que se dê um jeito pode ser tarde demais.

3. Jessé Souza e sua crítica à elite do atraso

Neste segundo momento temos a tarefa de analisar criticamente a obra do sociólogo Jessé Souza: *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. A escolha desta obra como fonte de análise se deu pelo fato que Jessé de Souza discorre no decorrer de sua obra sobre a crítica (esboçada por Roberto Gomes) ao “jeitinho brasileiro de ser” mesmo depois de 40 anos da publicação da *Crítica a Razão Tupiniquim*. Com efeito, pretende-se evidenciar os problemas que enfrentamos na conjuntura e os desafios a serem superados.

Entre os vários aspectos que se destacam na condensada obra referida acima de Jessé Souza um deles é a percepção histórica. O sociólogo

aponta a dominação da elite brasileira (donos do poder) sobre os trabalhadores, uma sociedade cruel forjada na escravidão. Com referência ao aspecto histórico, diz Jessé Souza: “O presente não se explica sem o passado e apenas a explicação que reconstrói a gênese efetiva da realidade vivida pode, de fato, ter poder de conhecimento” (2017, p. 13). Compreender o presente desde uma perspectiva nua e crua do que foi o passado, entender as entrelinhas, os interesses que houve atrás de séculos da construção da nossa história, da nossa identidade.

A percepção da realidade, as entre linhas dos acontecimentos históricos, devem ser buscadas na sua origem, é preciso ouvir a voz dos vencidos, escutar, ver, estudar o outro lado da história. Nas entrelinhas o que se percebe é que no Brasil, o país da diversidade, do samba e do futebol, do “jeitinho”, acumulou também 500 anos de dominação, dizimou várias aldeias e tribos indígenas. É também por este viés que o Brasil escravizou milhares de pessoas. Neste mesmo aspecto é que muitas pessoas têm seu trabalho escravizado e estão submetidas este por um prato de comida até os dias atuais. Estes dados, no entanto, não são disponibilizados em primeira mão pela grande mídia.

A mídia não produz conhecimento. Ela apenas distribui [...] enfatiza alguns aspectos e encobre outros tantos de acordo com seus objetivos comerciais e políticos. [...] dá uma percepção adequada e crítica do conhecimento tido como científico ser tão importante para uma análise não só do papel político da mídia, mas das crenças que as pessoas compartilham na vida cotidiana sem qualquer defesa contra seus efeitos (SOUZA, 2017, p. 17).

Se a mídia não é a melhor opção para informar-se e tentar compreender os acontecimentos do presente, nos resta estudar, buscar outras fontes, tentar compreender os fatos como eles são baseando-se em pesquisas científicas elaboradas sem os interesses econômicos e políticos por trás. Para Jessé Souza (2017), a produção científica também carece de uma crítica, fecunda, uma crítica geradora de conteúdos claros e evidentes sob os aspectos da realidade que se apresentam desvendando os interesses que carregam os acontecimentos.

É claro que muitos estudos científicos serviram para confirmar a dominação, muitos trabalhos acadêmicos ou obras foram forjadas para mascarar a alienação sofrida pelo povo e ao mesmo tempo justificar a

“importância” do poder instituído. São vários exemplos que poderíamos citar, apenas para ilustrar citamos *O príncipe* de Maquiavel (1527/2008), obra esta que, para muitos estudiosos, tem um sentido duplo: a) o de instruir o governante sobre como perpetuar o seu governo forjando em prol de seus interesses e de seus aliados, ou b) serve para que a população entenda como se faz dominada pelas ações do seu governante (neste caso, o grande problema é que a maioria das pessoas não tem acesso e costume de leitura e por isto a manipulação e dominação se cristalizam).

Outro exemplo de “obra” que serve para mascarar a alienação e dominação, é, na percepção de Jessé Souza, a obra de Sergio Buarque de Holanda: *Raízes do Brasil*. Para Jessé Souza (2017) o autor de *Raízes do Brasil* (1ª edição lançada em 1936) esconde nossa hierarquia social naturalizando o brasileiro como o “homem cordial”,¹ das relações pessoais, que dará vida aos seguidores de sua obra a fortalecerem o “jeitinho brasileiro” para tudo.

O conceito fajuto de “jeitinho” esconde o trabalho da dominação de alguns sobre outros ao pressupor que todos o usam, criando as generalizações absurdas do viralatismo, e esconde ainda de lambuja toda a raiz de todas as desigualdades advindas, na verdade do acesso desigual aos capitais econômico e cultural que se tornam um pressuposto invisível nessa teoria. Como esses capitais não são sequer percebidos, toda a hierarquia social no Brasil parece dependente de relações pessoais, do “jeitinho” do “quem indica” (SOUZA, 2017, p. 93).

O “jeitinho” a partir dos intérpretes de Sergio Buarque de Holanda (segundo Souza [2017] encabeçados por Roberto DaMatta) se naturalizou em nosso meio, isso porque, o conceito geral de vida se naturaliza com o passar do tempo. Não refletimos sobre seus aspectos, assim como não refletimos ao respirar, caímos no comodismo, aceitamos as coisas como estão. É desta forma que se perpetua o “jeitinho brasileiro”: “deixa como está para ver o que vai dar”. Conforme Jessé Souza; “esquecemos que tudo que foi criado por seres humanos também pode ser feito por nós” (2017, p. 22). Entretanto, a proposição do escritor nos leva à percepção de outro

1 Darcy Ribeiro em “Aos trancos e barrancos como o Brasil deu no que deu” usa como epígrafe um pensamento de Brecht, “Desgraçadamente, nós, que queremos abrir caminho à cordialidade geral, não podemos ser cordiais”.

aspecto implícito em sua obra, que é o da criatividade brasileira, ou a crise da criatividade brasileira, sobretudo uma crise de ideias.

A crise brasileira atual é também e antes de tudo uma crise de **ideias**. Existem ideias velhas que nos legaram o tema da corrupção na política como nosso grande problema nacional. Isso é falso, embora, como em toda mentira e em toda fraude, tenha seu pequeno grão de verdade. Nossa corrupção real, a grande fraude que impossibilita o resgate do Brasil esquecido e humilhado, está em outro lugar e é construída por outras forças. São essas forças, tornadas invisíveis para melhor exercerem o poder real, que A Elite Do Atraso pretende desvelar. Essa é a nossa elite do atraso (SOUZA, 2017, p. 07, grifo nosso).

Propor novas ideias sem vícios e sem indícios de dominação cultural, ideias brasileiras que possam retratar o esforço das pessoas que lutam pela própria sobrevivência todos os dias, pessoas estas, que dão um, jeito, mas não o “jeitinho brasileiro” de trapacear, de burlar... Trabalhadores que historicamente sofreram pela exploração de sua força de trabalho, sem terra, sem renda, sem casa². A proposição de novas ideias deve, com efeito, buscar o enfrentamento ideológico enraizado do jeitinho de ser, um enfrentamento pessoal e coletivo. Como sociólogo Jessé Souza indica que;

A concepção que um ser humano tem de si mesmo não depende de sua vontade e é formada pela forma como indivíduo é percebido pelo seu meio social maior. É isso que significa dizer que somos produtos sociais. Nos tornamos, em grande medida, aquilo que a sociedade vê em nós (2017, p. 170).

Isso significa que em um primeiro momento a luta pessoal, a libertação dos “preconceitos” da sociedade deve ser vencida. Por exemplo, se eu gostar de tomar chá em um ambiente que apenas se toma café, o

2 Este fator social é o que justificou a criação dos movimentos sociais, essencialmente entre as décadas 1980, 1990 para a virada do milênio. Os movimentos sociais são (entre outras coisas) uma denúncia e um anúncio: Uma denúncia de que existe um problema social; falta de terra; falta de teto; falta de trabalho, de direitos etc... Reconhecido este problema social pelo Papa Francisco: “Terra, teto e trabalho, aquilo por que lutam, são direitos sagrados. Reclamar isso não é nada de estranho, é a Doutrina Social da Igreja” (CPT, 2014). Um anúncio de que estes trabalhadores despertaram e reivindicam seus direitos que foram negados ou historicamente.

ambiente social e coletivo com seu olhar recriminador não deve intimidar a escolha pessoal que prefere o chá ao café. Em um segundo momento o enfrentamento se dá pelo coletivo, um exemplo são as reivindicações dos vários movimentos sociais constituídos no Brasil. Os movimentos sociais aos olhos da sociedade em geral são vistos como perturbadores da “ordem” e da “propriedade” particular, porém atrás de seu “movimento” existe um questionamento social, uma requisição de direitos, uma nova forma de pensar a vida em particular e pública. Ou seja, antes de tudo é um movimento de resistência ao que existe e foi perpetrado como sendo assim.

Em suma, tanto os indivíduos que fogem do padrão estetizado (e elitizado), quanto os movimentos (ou grupos) sociais que protestam contra a “ordem estabelecida” negam o “deixa como está para ver no que vai dar”. Assumir esta postura é necessário, mesmo que nem toda a sociedade consiga perceber que cada manifestação crítica do modo de pensar e ser da existência brasileira, aos poucos, nos levará para outro patamar, um patamar de maturidade, de um novo jeito de ser brasileiro.

Entretanto, será necessário ter paciência, cautela, pois, assim como afirma Jessé Souza: “O ódio ao pobre hoje em dia é a continuação do ódio devotado ao escravo antes” (2017, p. 67). A sociedade brasileira que perpetuou e legitimou a escravidão, encontra vivacidade nos discursos elitistas atuais e isto ficou evidente na confirmação da “crise” (em sua maior concentração uma crise de mercado que arrastou uma crise política) que a partir de 2008 ganhou força e questionou no mínimo: por que os pobres estão andando de avião? O desemprego em baixa e a ascensão de trabalhadores para microempresários (cenário comum no período de 2005 a 2012 em especial) incomodou uma parcela da população que saiu às ruas em 2013 (muitas pessoas desorientadas e sem saber o real significado por trás dos atos também foram às ruas e hoje são vítimas, pois, perderam emprego, fecharam suas microempresas...). Este movimento (ou contra movimento) criou e espalhou entre a elite brasileira (claro que isso não se aplica como regra, por isso, Jessé Souza caracteriza a “elite do atraso” aquela elite que não aceita o avanço comum da sociedade e que ainda espera ter escravos para realizar seus caprichos...), o que chama Jessé Souza de “protofascista”. Vejamos em suas palavras:

O profascista tem uma sensibilidade à flor da pele e qualquer crítica aciona uma reação potencialmente violenta. Assim, qualquer crítica é percebida como negação da personalidade como um todo, pela ausência de qualquer distanciamento em relação a si mesmo, gerando uma violência também totalizadora (SOUZA, 2017, p. 180).

É contra o profascismo que a população deve “lutar” e ao mesmo tempo propor um novo modo de ser, baseado no amor, ao invés do ódio, na partilha ao invés da acumulação privada, na criatividade de pensamento individual e coletivo em relação à meritocracia competitiva particular, etc..., na libertação do “jeitinho brasileiro”. Neste sentido que o próximo item tentará discutir alguns desafios para a superação do “Deixa como está para ver no que vai dar” e do “dá-se um jeito”.

4. Desafios para a superação do jeitinho brasileiro

Como terceiro aspecto pretende-se evidenciar os elos existentes entre as obras analisadas e refletir sobre a conjuntura atual da crise no Brasil, em especial, salientar a crise do pensamento (da filosofia) no Brasil e a possível superação dessa crise para além do jeitinho brasileiro. Nesta perspectiva busca-se apresentar algumas interfaces com outros pensadores, em especial com Paulo Freire e com Enrique Dussel. A escolha destes dois pensadores se dá pelo fato de que, por um lado, Paulo Freire foi um dos que pensou e problematizou a situação do oprimido e a necessidade de superação da opressão por meio de uma educação libertadora; por outro lado, Enrique Dussel é um dos pensadores mais citados e referenciados no campo da “filosofia da libertação”, método de pensar que o autor foi um dos fundadores.

Entre os elos possíveis de identificar nas obras de Jessé Souza e de Roberto Gomes destacam-se ao menos três aspectos: a) os autores realizam uma crítica ao modo de pensar brasileiro, o pensar da acomodação, da festa do carnaval e do samba que não condiz com a realidade brasileira, ambos os autores apontam para a necessidade de refletir sobre a conjuntura e encontrar saídas para a crise; b) os autores fazem uma denúncia sobre o modo de gestão que o país vive e até hoje viveu, sempre pressionado pelos interesses internacionais e pelas grandes corporações, multinacio-

nais que ao explorar o Brasil e também ditar seus interesses prejudicam a ascensão de política pública, em especial as políticas educacionais que possam fortalecer o pensamento de uma nação unida, sem exploração e sem preconceitos; c) tanto Jessé Souza quanto Roberto Gomes tentaram convencer o leitor de que é necessário valorizar o que é particular da nossa criatividade, valorizar o que é produzido e construído dentro do Brasil sem o olhar de desdém para o que é nosso em relação aos “países de primeiro mundo”. Os autores fazem uma crítica a este modo de pensar que exalta as nações que são estranhas a nós, enquanto julga-se que o Brasil não está em um patamar de crescimento e ascensão desejada.

Entre outras ligações que sejam possíveis fazer diante das duas obras analisadas, as que apresentamos são as que se sobressaem. Perante estas peculiaridades é que também se faz importante destacar algumas interfaces com outros autores com o objetivo de referenciar uma nova proposta, a superação do jeitinho brasileiro. Se o jeitinho brasileiro está em crise, então é necessário operar novas formas de pensar para superar a crise.

Enrique Dussel escrevia em *Oito ensaios sobre cultura latino-americana* (1997) a respeito da importância de uma “revolução patriótica”, uma revolução que liberte o pensamento (colonizado) dos países periféricos em relação ao centro europeu de conhecimento. Por outro lado, na mesma obra Dussel também fala da “revolução social”, uma revolução que possa diminuir as desigualdades sociais que teimam em existir.³ Com efeito, seria necessário para a superação do nosso “comodismo” enfrentar a realidade social e também deixarmos de ser um Brasil colônia, para deixarmos de ser uma cultura primitiva, pois, “a cultura ocidental, com seu evidente “ocidentalismo”, alocava todas as demais culturas como mais primitivas, como pré-modernas, tradicionais e subdesenvolvidas” (DUSSEL, 2016, p. 59). Portanto, ou deixamos de lado a cultura ocidental aprendendo com ela o que há de bom e vivemos a nossa cultura ou seremos eternamente um país colônia. Eis a importância de tomar consciência crítica. Foi assim que a cultura oriental se perpetuou com mais segurança conforme podemos conferir através de um de seus pensadores:

3 Uma delas é a *revolução patriótica* de libertação nacional, a outra seria a *revolução social* da libertação das classes oprimidas, e a terceira a *revolução cultural*. Esta última encontra-se no nível pedagógico, da juventude e da cultura (DUSSEL, 1997, p. 137).

É claro que devemos servir como apoio para o nosso estudo (racional dos seres existentes) das investigações realizadas por todos os que nos precederam [os gregos] [...]. Assim como realmente os filósofos antigos estudaram com muito cuidado as regras de raciocínio (lógica, método), convém a nós trabalharmos para estudar os livros dos chamados filósofos antigos, para que, se tudo o que dizem considerarmos razoável, aceitá-lo; e se algo houver de irrazoável, nos sirva de precaução e advertência (AL-YABRI, 2001, p.157-158).

A filosofia oriental apropriou-se da crítica para desenvolver sua cultura, não negou a herança ocidental, mas ao mesmo tempo não permaneceu subordinada a seus critérios. Para que possamos chegar neste ponto é claro que precisamos como diz Dussel de um amadurecimento: “Para resistir, é necessário amadurecer. A afirmação dos próprios valores exige tempo, estudo, reflexão, retorno aos textos ou símbolos e mitos constitutivos de sua própria cultura, antes ou ao mesmo tempo do domínio dos textos da cultura hegemônica moderna” (2016, p. 67).

Que possamos nos remeter à crítica permanentemente, assim como Dussel (2016) escreve sobre a importância de estabelecer o diálogo intercultural entre os críticos de sua própria cultura. Ou ainda, “O diálogo intercultural não é apenas – ou principalmente – um diálogo entre os apologistas de suas culturas, que tentaram mostrar aos outros as virtudes e os valores de sua própria cultura. É, sobretudo, um diálogo entre os críticos de sua própria cultura” (2016, p. 68). Ou seja, o diálogo deve fazer aparecer a importância de todas as culturas em nossa formação, mas, também precisamos refletir pela autonomia de nossa cultura, pela autonomia de nosso “jeito de ser” como crítica ao “jeito de ser” padronizado.

Evidentemente as condições de superação do modo de pensar não se darão do dia para a noite, por isso, a importância de um método. Segundo nosso entendimento, o método crítico e dialético é a melhor opção para esboçar saídas da nossa comodidade. Paulo Freire executou o método crítico dialético e conseguiu demonstrar que é possível transformar a vida de muitas pessoas (pela educação). As bases do método se encontram na *Pedagogia do Oprimido*⁴, a primeira grande obra de Freire (1987), na qual evidencia a importância de reconhecer as sabedorias locais, respeitá-las

4 Obra publicada por Freire em 1968, segundo ele, reflexões que introduz à *Pedagogia do Oprimido*.

e a partir desta realidade propor uma crítica para a transformação da situação vivenciada baseando-se sempre no respeito à alteridade para a tomada de decisões. Paulo Freire na *Pedagogia do Oprimido* ensina que “quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual eles devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se ‘inserem’ nela criticamente” (1987, p. 22).

O exemplo mais nítido de aplicação do método pedagógico freireano se deu nas *40 horas de Angicos*. Carlos Lyra descreve a experiência coordenada por Paulo Freire em Angicos, uma cidade pequena no meio do sertão do Rio Grande do Norte, em seu livro (1996): *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*. O livro de Lyra fora censurado pela ditadura militar sendo considerado subversivo ao lado de *O Capital* de Karl Marx. Na obra, Lyra descreve a trajetória de Paulo Freire e um grupo de estudantes que ao chegar em Angicos e se deparando com uma multidão de analfabetos e destituídos de meios para sua própria alfabetização foram constituindo círculos de cultura, entre outras atividades. O auge da proposta de Angicos acontece quando Paulo Freire coordenando seu grupo de educandos trabalhou no processo de alfabetização daquelas pessoas, e, em 40 horas chegaram a resultados que chamou a atenção da mídia nacional e internacional, tornando Paulo Freire e seu grupo de estudantes conhecidos e reconhecidos por sua proposta pedagógica mundialmente. O professor José Willington Germano afirma: “Fazer com que os participantes aprendessem a ler e a escrever e, ainda por cima, viessem a se politizar em 40 horas constituíam os objetivos fundamentais da experiência” (1997, p. 389). Estes princípios afirmam o princípio da *Pedagogia do Oprimido* que segundo Freire é uma pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação.

A sequência de livros de Paulo Freire seguiu pautando o reconhecimento da realidade local e a possível transformação da realidade vivenciada (principalmente quando ela é desumanizadora, opressora), entre as várias obras subsequentes estão *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Autonomia*. Obras importantes que marcam a pedagogia freireana e que pode ajudar a enfrentar os momentos de “crise” e também a crise do nosso modo de ser trabalhado no estudo em questão, o “jeitinho de ser brasileiro”.

Na *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* Paulo Freire destaca que o futuro não deve ser apenas uma repetição

do presente, nem uma progressão inexorável, o futuro “temos de fazê-lo de produzi-lo, ou não virá da forma como mais ou menos queríamos” (1992, p. 102). Neste mesmo aspecto, Freire faz um chamado para que possamos reconhecer a nossa capacidade de transformar as situações vivenciadas:

Homens e mulheres, ao longo da história, vimo-nos tornando animais de verdade especiais: inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como seres inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão, da limitação da possibilidade, não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade (1992, p. 100).

Transformar a sociedade, buscar a superação do “jeitinho brasileiro”, superar as nossas crises, enfrentar a realidade e sair do comodismo. É claro que as coisas não se darão de imediato, por isso é importante o estudo, a reflexão, um método que possibilite avançar de forma coletiva e nas singularidades. Não deve-se esquecer também o ensinamento de Freire em sua *Pedagogia da autonomia* quando o pensador diz que “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível [...] meu papel no mundo não é só de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências” (2004, p. 79). Ou seja, carecemos de conhecimento sobre a nossa própria realidade, porém, logo que adquirido este conhecimento precisamos estar convencidos de que é possível para poder ensinar com propriedade.

Considerando a sabedoria milenar e popular de que “mudar é difícil, mas é possível” é que apresentamos este estudo, com a convicção de que é importante darmos passos largos para a valorização cultural, para o respeito mútuo, para superar nossas crises.

5. Considerações finais

Os aspectos apresentados neste trabalho foram importantes para evidenciar a importância da crítica como ponto de partida para o cres-

cimento de nossa cultura. Tanto Jessé Souza quanto Roberto Gomes são importantes autores para a fundamentação deste pensar crítico, essencialmente para o pensamento brasileiro, mas também latino-americano. Além de ressaltar a importância do pensamento crítico de Roberto Gomes e Jessé Souza este artigo também cumpre o papel de anunciar possíveis desafios para a superação das nossas crises, em especial para sairmos do comodismo e do conformismo, tampouco permanecer na expectativa, em uma esperança mágica de que as coisas vão mudar por si só.

O pensamento de que vivemos em um país subdesenvolvido, de terceiro mundo, comparando nosso país com países europeus, norte-americanos, entre outros, não ajuda e não traz prosperidade à nossa situação atual. A crise que vivemos necessita de uma valorização pessoal, coletiva, pelo individual e pela coletividade, pelo conjunto de forças que possuímos como nação. Muitas vezes somos condicionados a pensar ou imaginar que a vida do outro é melhor do que a nossa, que o carro do outro é mais bonito do que o meu, que a casa do outro é melhor do que a nossa, e assim infinitamente vivemos comparando a nossa situação com a do outro e o outro sempre estará a nossa frente. O processo inverso somente acontecerá quando ao invés de apenas almejar o estranho a nós, iniciemos um processo de valorização de nosso eu e de tudo aquilo que está em nossa volta. Isso que afirmamos é uma tentativa de evidenciar o quanto podemos e devemos valorizar o nosso modo de ser e de viver ao invés de apenas almejar outros modos de vida (não pensamos em nos conformar com o que temos, sempre precisamos buscar mais, tanto no plano individual como no coletivo).

Segundo Enrique Dussel (2016), a cultura latino-americana, africana, asiática (consideradas periféricas) foram colonizadas, excluídas, desprezadas, negadas e ignoradas pela Modernidade eurocentrada, porém, não foram eliminadas. Com isto, pode-se dizer que, é necessário ao menos: a) conhecer e reconhecer a história brasileira e mundial do ponto de vista da situação local (onde estamos inseridos); b) renunciar imposições culturais que são provenientes de uma cultura elitizada e sem senso crítico; c) anunciar as novas possibilidades de pensamento, novas perspectivas perante os processos de crise.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem Azevedo. *Estórias de quem gosta de ensinar*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1986.
- AL-YABRI, Mohamed. *Crítica de la razón árabe*. Barcelona: Icaria, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre Senso Comum e Emancipação*. Trad. Antônio Amaro Cirurgião. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- CPT. *Papa Francisco: “Nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos”*. 2014. Disponível em: www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes/noticias/geral/2314-papa-francisco-nenhuma-familia-sem-casa-nenhum-campones-sem-terra-nenhum-trabalhador-sem-direitos?highlight=WyJwYXBhIiwZnJhbmNpc2NvIiwicGFwYSBmcmFuY2lzY28iXQ==. Acesso 12 maio 2018.
- DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00051.pdf. Acesso 24 maio 2018.
- DUSSEL, Enrique. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GERMANO, José Willington. As quarenta horas de Angicos. *Educação & Sociedade*, v. 18, n. 59, ago. 1997. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v18n59/18n59a08.pdf. Acesso em: 13 maio 2018.
- GOMES, Roberto. *Crítica da razão Tupiniquim*. Porto Alegre: Movimento, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LYRA, Carlos. *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*. São Paulo: Cortez, 1996.

MACHIAVELLI, Niccolò. *O príncipe: a natureza do poder e as formas de conservá-lo*. Trad. Candida Sampaio Bastos. São Paulo: DPL, 2008.

RIBEIRO, Darcy. *Aos trancos e barrancos: como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.